



(Registrado no D.N.I.)



REDATORES:

Redator - Chefe:

MATINAS SUZUKI

Secretário:

ADEMAR FIORILLO

Diretor — WALTER BELDA

Ano XVI

SÃO PAULO — ABRIL DE 1948

Numero 52

Serviço Social da Reitoria da Universidade de São Paulo

Declarações de grande interesse para os Universitários feitas pelo sr. Fausto Este Tognini.

A 19 de novembro de 1947, por iniciativa do Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, foi organizado um Serviço de Amparo ao Estudante.

Como representantes do dr. Jorge Barifaldá Hirs, então presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", tomamos parte na primeira reunião de universitários, convocada para opinar sobre o assunto.

Nessa reunião foi nos assegurado que o governo estava vivamente empenhado em dar maior assistência ao estudante universitário, aprovando então o plano do Magnífico Reitor, prof. Lineu Prestes.

Sabedores que a fase de organização do Serviço estava no seu término, que a verba necessária já estava aprovada, procuramos o sr. Fausto Este Tognini, Assistente Social do Departamento de Cultura e Assistência Social da Reitoria e encarregado da execução do plano.

Inquirindo sobre as finalidades e vantagens dessa novel organização, o sr. Fausto Tognini, que se mostrou grande amigo e admirador dos estudantes, declarou-nos o seguinte:

— A Reitoria da Universidade de São Paulo está vivamente empenhada numa aproximação maior entre as diversas Faculdades que compõem a e incentivará todos os empreendimentos que visem maior congraçamento da Universidade. Nesse sentido apoiará e incentivará todos os empreendimentos que visem maior congraçamento dos estudantes paulistas, estimulando assim o verdadeiro espírito universitário. Além disso, tendo em vista a situação da maioria dos estudantes que, obrigados a morar em pensões, fazem grandes sacrifícios para a manutenção de seus estudos, a Reitoria da Universidade elaborou um plano de Assistência Social ao Estudante que, a partir de 15 de abril próximo, estará em execução.

Esquemáticamente nossa organização consiste em dar ao estudante:

- Assistência Médica.
- Assistência Dentária
- Assistência Hospitalar
- Assistência Farmacêutica.
- Assistência Jurídica.
- Assistência Econômica.

Para tal já entramos em entendimentos com os Diretores das diversas Faculdades, com o Diretor do Hospital das Clínicas e do Serviço de Pronto Socorro do Sanduí.

Todos os exames clínicos e de laboratório serão feitos na Faculdade de

Higiene. A hospitalização no Hospital das Clínicas ou outro Hospital especializado. E, para casos de urgência, os estudantes podem dispor das ambulâncias do Sanduí.

Toda assistência dentária será fornecida pela Faculdade de Odontologia e o aviamento de receitas será feito na Faculdade de Farmácia. A assistência jurídica será dada pelo próprio Departamento Jurídico da Reitoria.

Na parte econômica além do departamento de colocações, que num futuro próximo estará funcionando, cedermos livros e faremos pequenos empréstimos, a longo prazo, aos estudantes necessitados.

— Inquirindo sobre as exigências feitas ao aluno para usufruir dessas regalias, esclareceu-nos o sr. Tognini:

— Todos os alunos, inclusive os formados até dois anos poderão se utilizar deste serviço. Basta a apresentação da Caderneta de Identidade dada por este departamento. Para obtê-la devem os estudantes procurar nos Centros Acadêmicos o nosso representante, encher a ficha de matrícula e entregar duas fotografias 3x4. Eis as exigências.

Com estas palavras o sr. Fausto Tognini deu por encerrada a entrevista declarando mais uma vez sua admiração pelos estudantes paulistas e pelas suas realizações.

Manifesto dos estudantes paulistas relativo ao "Estatuto do Petróleo"

Brasileiros!

É chegado o momento histórico da nacionalidade. Pende de nossas mãos a escolha dramática: sermos livres ou escravos.

Homens do governo, num acinte aos nossos bríos de povo democrático, prepararam-se para entregar aos "trusts" internacionais a chave de nossa emancipação econômica.

O "Estatuto do Petróleo" lei antinacional de lesa-pátria, tenta conciliar interesses irreconciliáveis instituindo as Companhias Mistas, na qual o "trust", através de suas ações, controla dominadoramente a extração do petróleo.

O capital monopolizador lembra o leão da fábula de Fedro, que tendo contratado sociedade com três pequenos animais para dar caça ao cervo declarou no final:

"Cabe-me a primeira parte dos despojos, porque-me chamo leão; a segunda, porque sou o mais forte de vós; a terceira, por ser o mais corajoso; quanto a quarta, aquele que a quiser que se atreva a tomá-la".

Os estudantes e nosso petróleo

"O que se projeta fazer com nosso petróleo é, simplesmente um crime monstruoso contra a Pátria. Sejam quais forem os conselheiros do sr. Presidente da República na questão do petróleo, precisa ele acautelar-se contra os mesmos por não lhe estarem sendo sinceros ou desconhecerem o problema em sua natureza".

Foi com essas incisivas palavras que o ex-presidente da República, sr. Arthur Bernardes, fulminou o criminoso "Estatuto do Petróleo", cujo objetivo é "regular" a participação de capitais estrangeiros em nossa indústria do petróleo a base de vergonhosas concessões aos cartéis internacionais. Entretanto, temos boa memória. Não nos esqueçamos o que o sr. Odilon Braga padastro do nefando "Estatuto do Petróleo", em 1936, num relatório seu sobre a questão petrolífera apoiava de pés juntos e com sua "sinceridade" habitual, a opinião de Melampy e Oppenheim, dois técnicos americanos que negavam a existência do petróleo em nossa terra. E o mesmo Odilon Braga chamava então de "frenéticos" os patriotas que tinham pressa em descobrir óleo em nosso território. Dizia ele nessa ocasião que não nos precipitávamos apressar pois as reservas mundiais de ouro negro aumentavam constantemente, com as descobertas no Texas, Colúmbia, Venezuela, Perú e Mesopotâmia. Hoje, porém, no seu "Estatuto do Petróleo", esse cavaleiro, menosprezando a inteligência do povo brasileiro, tem a ousadia de afirmar que as reservas norte-americanas estão prestes a se esgotar, quando sabemos perfeitamente que só a poderosa "Standard Oil" de New Jersey e empresas consolidadas, com seu capital de 2.659.987.889 de dólares, isto é, cerca de 50 bilhões de cruzeiros (duas vezes e meia total de dinheiro em circulação no Brasil, mais do triplo da receita do governo federal, quantia maior que a última avaliação da renda nacional) só ela controla a maior parte da produção mundial de ouro negro.

Não, não permitiremos que nos enganem outra vez.

Toda a sorte de argumentos vem sendo invocados pelos que pugnam pela entrega da extração e industrialização do nosso

petróleo aos monopólios alienígenas. A primeira e mais importante das razões invocadas para a justificação de tal crime seria a de não dispormos de capitais suficientes para o início da exploração. Ora o próprio general Juarez Távora, que até há pouco tempo era o maior advogado da entrega do nosso petróleo aos monopólios internacionais (sua posição no momento antes o firme desmascaramento dos falos patriotas que avançaram o sinal ao entregar a Câmara dos Deputados o odioso "Estatuto do Petróleo", não está ainda bem clara) afirmou, em uma de suas conferências que seria necessário, mais ou menos, 1 bilhão de cruzeiros para o início, com sucesso de nossa indústria petrolífera. Mas está atualmente transitando pelo Congresso um projeto de lei apresentado pelo próprio governo autorizando um endosso à Light de um empréstimo de 90 milhões de dólares, ou seja, 1 bilhão e 800 milhões de cruzeiros, cerca de duas vezes a quantia estipulada pelo general Távora para que nos libertássemos de uma vez por todas do nosso estado de país semi-colonial. Aliás, o próprio relatório da Comissão de Legislação do Petróleo explica que "a indústria do petróleo extrai de suas próprias operações quase todo o capital exigido por sua expansão".

Outros "patriotas" como o engenheiro Froes de Abreu, (o mesmo que combateu Monteiro Lobato e "provou" a inexistência de lençóis petrolíferos no solo pátrio) considera ingenuos os que veem em cada campanha estrangeira um fantasma afirmando que não teme, ó suprema hipocrisia, o poder de corrupção dos "trusts" internacionais. Lembremos as palavras pronunciadas pelo grande presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, a 28 de outubro de 1913: "Tendes ouvido falar em concessões feitas pela América Latina ao capital estrangeiro, mas não em concessões feitas pelos Estados Unidos ao capital de outros países."

É que nós não damos concessões. Os Estados que são obrigados a fazer concessões correm o grave risco de ver influenciado dominadoramente nos seus negócios os interesses estrangeiros. Uma tal situação pode chegar a ser intolerável".

O sr. Froes de Abreu e outros defendem com esses argumentos verdadeiramente infantis a entrega do petróleo aos estrangeiros. Já o papa Pio XI afirmava em 1931 na Encíclica "Quadragesimo Anno":

É com inteira razão que se sustenta que certas formas de propriedade devem ser privativas do Estado, de vez que implicam numa possibilidade de domínio excessivamente grande para serem deixadas aos indivíduos sem que resultem prejuízos para a comunidade em geral". Que riqueza mais que o petróleo implica em "domínio excessivamente grande"? Se sua posse por indivíduos representa prejuízos para a comunidade, o que se diria do seu domínio por trusts estrangeiros?

Não, os estudantes não permitirão a consumação de tão hediondo crime. Não nos conservaremos de braços cruzados, e não podemos deixar que nos conduzam ao caminho de amarguras da Venezuela. Sabemos perfeitamente o que representa para o futuro da nacionalidade a posse do nosso petróleo. Não há dois caminhos entre os quais possamos escolher. Nossa posição de estudantes, como parcela mais culta e por isso mesmo arcando com as maiores responsabilidades perante a nação, exige que marchemos lado a lado com o ex-presidente Arthur Bernardes, general Horta Barbosa, general José Pessoa, Oswaldo Aranha e os milhares de outros patriotas que já tomaram posição ao lado do Brasil nessa questão, e à frente do nosso povo unido, numa campanha sem precedentes em nossa vida democrática, pela defesa do petróleo nacional, campanha essa que há de ecoar por todo o território nacional e que forçará o Congresso a repudiar com veemência o nauseabundo "Estatuto do Petróleo".

Isto fazendo, seguimos a trilha heroica aberta pelos estudantes panamenhos — irmãos continentais — que, (Conclui na 2.a página)

DISSECANDO

Março de 1948. Tem início mais um ano letivo, que fugindo à tradição, começa no dia estipulado, com certeza por ter caído numa segunda-feira. Notou-se logo a presença de transferidos, em um número maior desta vez. Porém, o que mais atraía a atenção era crítica, foram as transfêrencias para o terceiro ano, que constituiram abortos na tradição do curso. Acontece que o número de alunos na referida série, já era superior ao limite, mas como existe uma lei, que faculta a transferência de estudantes funcionários públicos, concomitante com a repartição, independente de vagas, baixaram os "paraquedistas". Em 1947, tivemos um exemplo; as metástases não se fizeram demorar, agora reprise em dose maior, posteriormente, se continuar o ritmo e se a moda pegar, os aventureiros serão em número maior. Enfim, há esperanças de que esta "mamata" acabe.

Quanto aos candidatos ao 4.º ano, mais uma vez prevaleceu o absurdo, o ilógico confronto de notas de concorrente das mais variadas Faculdades, sem que refletisse com fidelidade aqueles mais aptos a ocupar os lugares dos nossos colegas barrados pelos Locchis, pelos Calazans, pelos "Focas", pelos "Xilors", etc., que abundam no celeberrimo Curso Básico que laureia os esforços e peripécias daqueles bem sucedidos nos exames vestibulares.

Ainda desta vez as frequências livres continuaram no mundo da química, triste realidade mas temos que nos conformar. Talvez as gerações futuras sejam mais felizes (se não existirem mais os Souza Campos, Ovídios, Celestinos, etc.) porém assim mesmo duvido. Mas a experiência de 1947 valeu muito, iremos coagidos a todas as aulas.

Este ano introduziu-se uma inovação no trote. Antes de rapar-se o cabelo, foi o pobre calouro submetido à oxigenação. Não ficou nisso a novidade. Estabeleceu-se que o tenis e a gravata borboleta ficariam integrados no traje da calourada. No entanto, houve restrições à liberdade de ação dos veteranos. Nosso prezado diretor parece não apreciar as nossas tradições; no ano passado deu amostra quando da despedida dos doutorandos. Este ano resolveu interferir no trote, con-

K. I. PIRA

trolando a comissão do mesmo, cuja finalidade e responsabilidade, segundo o ponto de vista geral e a norma daquela de 1948, está limitada à passeata. Foi mais longe, o mestre. Negou-se a dar aula no primeiro dia, alegando estarem os novatos fantazia-

dos.

Este ano veio a reforma que atingiu o curso básico. Nossos colegas mais afortunados terão que estagiar na Anatomia só dois anos e farão estria na Clínica um ano mais cedo do que os anteriores (que sorte). Todavia, não foi completa a reforma. Terapêutica continua sendo cadeira de semestre; Higiene, por paradoxo, continua sendo cadeira de ano integral. Afinal de contas já houve melhoras. Estão de parabens os organizadores da mesma.

O bar, oh! nosso prezado bar! Casa de ferro e espeto de pau. Não há mais guardanapos. Esterilizador de chifaras deficiente (si se pode chamar aquilo de esterilizador) e as mesmas ficam expostas muito tempo ao ar livre. Algumas louças pedindo aposentadoria. O número de empregados continua exíguo. Nas horas de movimento chifaras e copos mal lavados (quando o são) são utilizados. As cadeiras continuam insuficientes. Até quando vai perdurar esse estado?

Um dia apareceram as alunas da Escola de "Sereias", digo de Enfermagem, ou melhor as "Universitárias", no porão da Faculdade, com a novidade indumentária. Foi uma aclamação geral-olha a torcida do Palmeiras. Um mais espirituoso, perguntou onde é que estava a faixa de campeão. Enfim, esta história de uniformes, extravagantes ou não (mas não, hein?!), faz parte do programa do Hospital.

No Hospital, lá no 8.º andar, existem tres salas de aulas, todas deficientes pequenas. Os últimos a chegarem são contemplados com lugares "bem confortáveis" que lhes permitem ainda mais a suportar a aula. A ordem é: VIRE-SE. Na sala há lugar para pouco mais de cinquenta alunos; a turma geralmente é de 80 e temos de considerar os assistentes que às vezes são mais de dez.

A' memória de um grande mestre

A 8 de novembro de 1947 dobrou-se mais uma página no livro da saudade, roubando de nosso meio um dos mais insignes arquitetos da Casa de Arnaldo Vieira de Carvalho.

O Professor João Paulo da Cruz Brito que durante mais de 30 anos exerceu a sua Cátedra de Oftalmologia, elevando-a e distinguindo-a entre suas congêneres, pertencia a esta classe de homens de fibra inquebrantável, destinados a construir algo de grandioso e duradouro no seio da coletividade.

Formava, em 1916, ao lado de outros mestres ilustres, a convite do dr. Arnaldo, a primeira Congregação de nossa Escola. Foi precisamente, em 11 de dezembro de 1947, no silêncio comovido do reconhecimento e da saudade, em que a Congregação da Escola, reunida, prestava as derradeiras homenagens ao nobre companheiro. Da brilhante oração do Professor A.C. Pacheco e Silva pedimos vênias para transcrever o seguinte trecho: "modesto, bom, virtuoso e sábio, culto e probo, calado e sóbrio, conservava sempre uma calma imperturbável, uma atitude de elevada discreção atrás da qual escondia uma inteligência viva, aprimorada por uma vastíssima cultura que não se limitava aos domínios da especialidade, pois era ele um grande cultor dos clássicos e escrevia com a segurança, a clareza e a correção de um verdadeiro purista. Af estão os seus discípulos e essa pleiade brilhante de oftalmologistas, formados à sombra de sua escola que não se cansam de exaltar a competência e a bondade do mestre que os guiou tão delicada especialidade. Alma pura e simples, consagrava-se à Medicina como um verdadeiro discípulo de Hipócrates e seguia à risca os princípios da ética profissional. Por isso a todos atendia com igual urbanidade, delicadeza e dedicação, fosse nos hospitais e ambulatórios ou no seu consultório privado, com rara compreensão do sacerdócio médico que nunca não se estabelecer distinção entre o abastado que bem remunera e o pobre que pede a Deus a recompensa".

João Paulo da Cruz Brito é um nome que muito cedo se ligou à História Médica de nossa Terra. Foi naquele época, em que ao braço firme do Conselheiro Rodrigues Alves, Osvaldo Cruz assumia a direção dos serviços de combate à Febre Amarela, solicitando o auxílio dos jovens acadêmicos, João Brito increve-se, aderindo à luta com fervor e tenacidade, conciente de suas responsabilidades, confiante na eficácia dos métodos científicos. O jovem estudante maranhense tomou parte ativa, também, no combate ao surto de peste bubônica da cidade de Campos, forjando, assim, desde a ju-

ventude, aquela temperança de atitude que o acompanharia durante a vida inteira.

Nesta Faculdade o nome de João Paulo da Cruz Brito ficará com as palavras de Aluísio de Castro, "ao lado dos que elevaram no ensino, e nos seus colegas, nos seus discípulos, nos seus amigos durará a memória desse lúcido e formoso espírito que viveu com beleza. Nem tudo é morrer no que acaba, se a realidade refloresce na lembrança sempre presente".

ROBERTO BRÓLIO

Luiz Gonzaga Medeiros

Segunda Feira, estremeceu a consciência desta Escola com a terrível notícia "o colega Luiz Gonzaga Medeiros morreu".

Ainda não nos recuperamos do tremendo golpe, que roubou ao nosso convívio, um colega, que tão recentemente ultrapassava as barreiras espinhosas do concurso de habilitação.

Encontramo-nos ainda naquele período em que o sentimento sobreposto à razão determina a angustiosa pergunta:

Porque? Porque?

Sim, o nosso espírito moço não pode compreender porque sendo tão moço e sendo tão rico em reservas potenciais deve ir-se tão já.

Nós não estamos o necessariamente calejados pelas durezas da vida.

Queríamos que tudo fosse, nascer, viver e morrer. A você Luiz Gonzaga, não foi permitido viver, as águas traiçoeiras arrancam-no de nosso meio deixando entre nós chagas profundas que não mais poderão cicatrizar. Para aumentar o nosso desespero nem o seu corpo os fundos misteriosos não nos queriam devolver.



Vibramos então, todas, estes dias, num sentimento misto de ansiedade, dor e esperança.

Hoje, por fim, estás de novo em nosso seio e nós iremos em você a sua última morada. Iremos, soluçando, devolver a terra o que Deus nos deu.

Do enigmático, que determina tudo, não queremos nos ocupar agora, porque a nossa dor é muito grande.

Foi-nos tão rápida a sua presença que queremos reter com sequiosidade as circunstâncias a ela ligadas.

Perder um colega, um companheiro de lutas é receber em cheio uma cutilada do destino, uma lancetada da vida. Queríamos chegar todos juntos ao fim, isto entretanto não quiz o destino. Uns deverão ir antes, outros depois. A você, Luiz Gonzaga, coube ir agora, ainda tão no início.

Vai e nos espera, que nós também lá chegaremos e alcançaremos o privilégio de estar junto de você. Receba, jovem colega, um último abraço do ambiente que você escolheu para lutar e vencer. Você conquistou a nossa admiração e um lugar definitivo em nossos corações.

Repouse tranquilo!

Manifesto dos estudantes...

(Conclusão da 1.ª página)

juntamente com o seu povo obrigaram tropas estrangeiras a deixar as bases militares de sua pátria. Assim, também, os estudantes e o povo brasileiro, não permitirão que se consuma a entrega do petróleo aos "trusts" internacionais.

Sómente ao Brasil compete por direito a exploração do subsolo nacional. Levantemo-nos, pois, num protesto uníssono contra tal desrespeito à integridade da pátria.

Cidadão!

Não permitamos a consumação de tão hediondo crime. Conservar-se de braços cruzados ante a auto mutilação da pátria é abdicar ingloriamente às prerrogativas conquistadas com sangue e sacrifício no passado histórico da nacionalidade. E' pretender seguir o caminho de amarguras de nossa irmã continental — A Venezuela — brutalmente escravizada pelos trusts internacionais do petróleo.

Senadores e deputados, militares e civis, industriais e comerciantes, professores, médicos, advogados, engenheiros, técnicos e trabalhadores brasileiros, cerrai fileira em torno dos estudantes nesta luta em prol da emancipação econômica do Brasil. Formai em vossas associações de classe comissões de defesa do petróleo nacional que, unidas aos estudantes, conti-

num campanha memorável fazendo com que ecoe na própria O.N.U.

Estudantes universitários, fortalecei nacionalmente a vossa união apoiando e prestigiando a CAMPANHA DE DEFESA DO PETRÓLEO NACIONAL, levada avante nesta segunda etapa pela União Nacional dos Estudantes.

Senadores, deputados e vereadores, formai frentes de parlamentares que se proponham a combater os artigos do "Estatuto do Petróleo", que permitem a participação de capitais estrangeiros, franca ou veladamente, na exploração de nosso petróleo.

Generais e soldados, não olvideis jamais as tradições republicanas de nosso exército. Tomai por divisa a frase eloquente de Benjamin Constant:

— "Os militares são cidadãos armados, nunca janizaros! Guardai em vossas memórias a resposta patriótica de Floriano Peixoto que perguntado pelo embaixador de Sua Majestade Imperial Britânica, de como o governo brasileiro receberia em seus mares casos de guerra ingleses, respondeu prontamente. "Receberemos a bala".

Jornalistas e escritores, usai de vossa pena com ardor nacionalista, esclamando o povo corajosamente, sobre o crime que se pretende perpetrar.

Enfim, brasileiros, unidos em torno dessa causa comum, marchemos ombro a ombro, cumprindo o nosso de-

Tudo continua... Imaginação solta

WALTER BELDA

Mais um ano de vida se iniciou. Como em todo início, sempre há imperfeições, porém, mais do que nunca, vontade de trabalhar, de trazer nossa pequena contribuição ao grande edifício que se procura a levantar.

Não trazemos inovações. Apenas dedicaremos os nossos sacrifícios em prol da continuação da obra; de há muito iniciada — o levantamento moral e cultural da nossa classe.

Que estas páginas espelhem sempre a alma sincera dos moços que lutam pela grandeza da mais nobre das carreiras.

Depositamos confiança ilimitada em nossos colegas. Creemos que a crítica sempre será construtiva, em linguagem elevada tendo como finalidade única a melhoria das condições de ensino e de estudo na Faculdade. Creemos também que os professores nos compreenderão e serão em nossas críticas um desejo de aperfeiçoamento, a amizade pela escola que nos abriga e por aqueles que nela labutam.

Mocidade que não luta é mocidade decadente. As páginas deste jornal estarão sempre abertas a todos os que desejem lutar. Muito há por fazer. Múltiplos são nossos problemas e somente a união de todos os acadêmicos poderá resolvê-los. Por isso lutaremos. Ojalá tenhamos a alegria de, ao encerrarmos o ano, ver que algo foi realizado, que o nosso esforço não foi em vão.

* * *

Parece mentira mas, isto aconteceu. Foi há alguns dias atrás. Todo mundo conhece o Escola de Enfermagem. Eu ainda não a conhecia.

Via sempre aquele prédio enorme, belo, o chamado Palácio das Enfermeiras ou, Montenegro-Marrá, na linguagem do Dr. K.K. porém nunca o havia visitado. Via o prédio, admirava-o e tinha inveja.

Depois, depois vieram as alunas. A maioria simpática, algumas belas, e “cidade médica” tornou-se mais atraente. O Hospital recebeu alegremente e, até nos corredores da Faculdade ecou o riso sadio daquela mocidade que, do interior ou mesmo de outros estados, vinha aprender Enfermagem. Tudo transpirava alegria.

Tanto aquele uniforme cheio de saias, toucas e quejandos, que as deixavam tão femininas, até esse horrível avental verde, traziam um colorido novo aos nossos jardins e, a minha inveja aumentava.

Como deviam ser felizes aquelas meninas. Um palácio e jardins, quartos isolados encardidos, professores da Faculdade, aulas no Hospital, bailes e tantas coisas mais. E, elas deviam ser felizes.

Foi aí que aconteceu e, então não tive mais inveja, eu tive pena...

Eu disse que conheci a Escola há dias. Foi assim. A serviço do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” fui procurar uma aluna. Era hora de almoço. Cortesmente recebido na portaria fui convidado a esperar numa salinha. Enquanto esperava olhava distraidamente as paredes. E aí se deu a coisa. Fui sacudido violentamente por um tropejar tremendo, horrível, que me tinha tonalidade de bairo, ora de soprano ligeiro, numa dissonância impressionante. Quando me refiz do susto é que notei donde vinha tamanha tempestade, era dum corpanzil que me lembrava um dos desenhos de Walt Disney e, vim saber depois, devia cha-

mar-se Edite e não era arrumadeira ou coisa semelhante.

Daquela vulcão foi saindo um amontoado de palavras desconexas insultando-me, reprovando-me e quasi que me expulsando daquela casa.

Eu não atinava com a coisa. Tentei explicar quem era, que fora a serviço e uma porção de coisas mais. Porém aquele negocio gritava: — O senhor devia conhecer o regulamento (sic?); você perturbar o trabalho (12,30 horas) e uma porção de impropérios mostrando-me “delicadamente” a porta.

Ante tamanha boa vontade, educação e respeito ao motivo que ali me levava, agradei penhorado a acolhida amável e fugi como se fora impellido por um jato-propulsão. Deus me livre de outra. Cheguei a Faculdade com uma dispnéia louca. E, enquanto me refazia, ia matutando:

Não, eu não tenho inveja, eu tenho pena de vocês alunas da Escola de Enfermagem. Eu aguentei apenas alguns minutos aquela explosão desencadeada certamente por um distúrbio zinho hormonal (havia cabelos brancos), mas, vocês... vocês terão de aguentar três anos. Pobrezinhas.

Quando tiver de passar ali por perto, acenarei para aquelas alunas tão encantadoras dentro das toucas brancas, olharei mais uma vez para o Palácio, mas a menor suspeita de ruídos monstruosos, fugirei correndo porque tenho medo de, ao chegar em casa, descobrir algumas equimoses em forma de ferradura.

*

Você, Cesar Lattes, está no frontispício dos jornais. Da noite para o dia, você bateu em publicidade até Carmen Miranda. E assim na nossa terra. Não respeitam o trabalho honesto e o seu nome corre como propaganda de certa escola e não me assustarei se daqui há dias passarem a publicar fotografias suas com sabonete, pasta de dentes, e quejandos.

Poucos pensaram no que você descobriu e muito menos ainda nas consequências da descoberta. Numa terra em que os “trabalhinhos científicos” brotam como que gerados espontaneamente, não com fins científicos, mas com a finalidade de conquista de mais um título para possíveis concursos, ah! esses concursos, pouca gente pensaria mais profundamente no meson.

Eu também não pensei muito. Apertadas orgulhava-me da sua mocidade assombrando o mundo científico. Orgulhava-me do fato de uma criança brasileira ter feito tanto. Eu estava feliz até o dia em que li um comentário vindo da França:

“A bomba de Hiroshima será um palito de fósforo perto da bomba que se poderá fazer usando o meson”.

Eu quasi chorei. Será possível que um brasileiro contribua para a destruição? Quando usarão da ciência unicamente para o bem?

Como se esquece depressa. Dacheu, famílias, entubadas, alcijados, neuroticos, miséria, fome, já estarão no passado? Ainda estamos sofrendo as consequências duma monstruosidade e já pensa em outra.

E caro Lattes, ninguém procura o caminho da Paz, ele levaria a Deus, e Deus exige muito dos homens.

Quasi que eu peço a você, patricio Lattes, reze, peça a Deus que não derramemos lágrimas pela descoberta que você fez.

Noite alta. O céu é um manto escuro sem lua e sem nuvens, onde piscam as estrelas no seu piscar perene. Na terra tudo repousa envolto em sombras e silêncio, sombra arranhada aqui e acolá por luzes baças, sonolentas, cochilantes, silencio esfaqueado por ruídos varios, aborto dos vestes de hábitos invertidos.

Vagueio, não, besto pela rua solitária onde a quietude soberana só de longe em longe é acullada pelos ousados toc-tocs dos retardatários que apressados batem firme com os tacões na sargeta. Caminho. Para onde? Não sei. Talvez seja a necessidade simplesmente de caminhar a mola sutil que me faz errar tão assim ad léo, talvez esteja a procura de Morpheu que se diverte à minha custa brincando de esconde esconde como uma garota coquete.

Paira no espaço um ar que a quietude torna mais morna, a tepidez tornando a onipresente. Desagradável onipresença! Ali, no angulo que a calçada faz com o muro borrado e encardido, dorme um esfarrapado, tendo por lei o ladrilho duro e frio, e por teto e coberta o infinito espaço impassível. Desgraçada vítima do darwinismo social um mundo de vezes injusto, tú sobreviveste no inverno passado e vegetarás por este verão todo, e depois? Quem sabe se no inverno que vem um colega meu não irá te encontrar, na sala de dissecação, rígido e frio esse corpo que era quente e respira e ao qual, a despeito da tremenda miséria, tú tanto a ele te apegas. Partirás. Por tudo que sofreste e ainda irás sofrer, tú mereces o reino dos ceus. Mas se não o encontrares, se ele não existir, então o mundo será a mais injusta criação.

A vista desse farrapo humano o meu coração passou a bater de leve, respeitoso todo ele, desse respeito que merece todo aquele que recebe comovida todo um mundo de desgraças. Mas que poderia fazer por ele? Nada, absolutamente nada. De resto, outros e outros mais, farrapos também como ele, abundam pela terra a fora. E no entretanto, nós que somos tão liberais nas nossas propinas-eufemismo abjeto de esmola, e negamos uma pequena esmola, que seres hediondos que somos. Sim, pois a metade das gorjetas que, de boa ou má vontade, pouco importa — damos, poria por terra todas as idéias schopenhaurianas do futuro sempre negro dos indigentes. Também pudera!, com esses castens da dona Fortuna empestilhando a moral de todo mundo com polpudos complementos, e que passam com autentica facies parkinsoniana, dura e impassível, ante a mão descarnada e feia que lhe estende o mendigo, a esmola teria que sucumbir à favor da gorjeta.

— Como aquele sujeito está afobado! Até parece o Laerte...

Sinto porém que a consciencia me alfineta, murmurando-me por dentro, aos ouvidos desligados do exterior, que também eu daqui à pouco terei esquecido desse pobre diabo.

— Boa bela aquela do Odorico ir ao porão dar os seus estrilos. Francamente que gostei de ver o Zarzur dizer-lhe que ele mandava era lá na Anatomia, e muito pouco, e que no porão mandavamos nós. Será que ele anda com Hy?

Uma estrela candente riscou o espaço e cae algures, deixando um efemero rastro luminoso no céu.

— Bolas, como é que eu fui dizer Dansas das horas ao envez de Dança, das arterias? A turma quasi me mata de vergonha.

— Diga quando você vir uma estrela cair: — “Que Deus o guarde em bom lugar”. Porque ela indica que algum morreu, dizia-me em criança um velho caboclo que a idade não conseguira ainda arrancar-lhe o guatambú das calejadas mãos.

É a velha crença da caboclada, cujas cabeças entulhadas de santos e assombrações fazem os seus corações curvarem de respeito e temor.

— O Alverso é bom de bico. Não é que ele se apossou mesmo da sala do “O Bisturi” e agora está com conversa mole?...

Parece-me que Morpheu vai finalmente se deixar pegar, pois começo a sentir que as minhas pálpebras se tornam pesadas. Sem dúvida ele se cansou de correr pela noite a dentro, nessa fuga estúpida de mim. A brisa fresca que começou a soprar foi uma aliada muito forte a meu favor. Caminho como um automato rumo a pensar onde me espera uma cama pulgenta, mas sempre uma cama para uma carcassa cansada.

No palácio das enfermeiras sentimeia como príncipe, mas o regulamento só permite a morada lá das pessoas que só se sentirão como princesas...

Lá, em pouco tempo seria capaz de fazer poesias como o Vá-Vá, pois daquele terraco, onde um ventinho fresco nunca se ausenta e Pinheiros se descortina como num album, qualquer vivente seria capaz de falar de canários amarelos e de cristais como o Guilherme de Almeida...

Sinto que realmente o sono se apossou de mim. A minha cabeça está vazia, e um bombo redondo, entre duas orelhas, cabide de chané...

Boceto. A pensão está à vista.

— Dizem que a cabeça do Gomes Uchôa dá a prova do piparote positivo...

O CORUJA

Eles se divertem

No ano passado recebemos o “grato presente” com que nos ofertou, o ex-ministro da Educação, numa prova de camaradagem semelhante à do tipo sensação da revista O Cruzeiro, criação de Péricles. Numa atitude em que o temor se alava à revolta recebemos o abacaxi: a média 7.

Mas dando sequência à praxe uma desgraça nunca vem só, a questão das frequências livres continuou nos paramos inacessíveis, com resultados lastimáveis para todos nós. Nossos prezados professores, num apreciado número, concluíram que totalizar os 28 pontos não era difícil para os infornados alunos e resolveram descontar uns “pontozinhos”, pelas faltas e mãos à obra, levando em conta tanto as aulas teóricas como as práticas. Lá no primeiro andar foi aplicado em grande estilo o processo, quer na “Enfermaria do Cunha Mota”, quer pelo “Interventor” do nosso tão “estimado” bar, que tão bons serviços presta aos elementos extranhos à Faculdade, e porque não também aos alunos?! Ah! se os “Comandos”... Mas não mudando de assunto, exemplificaremos a bem da verdade.

Um colega, agora no quarto ano, por sinal muito assíduo às aulas, totalizou a duras penas os ambicionados 28 pontos. No entanto, o candidato à Cátedra de tão exigente matéria resolveu, dando largas a seus conhecimentos de aritmética (nem só de pão vive o homem...), fazer uma simples operação. Pois bem: subtraiu meio ponto, por causa de algumas, de apenas algumas faltas, da nota prática, que de 9 que era, quando havia ido o citado aluno reconhecer a prova, metamorfoseara-se em

8,5, graças a uma especie de atrofia que não haviam ensinado durante o curso. Consequências imediatas.

Vinte e sete pontos meio. E o “felizardo”, para atender aos caprichos do destino, teve suas férias suspensas, sendo obrigado a protelar a ansiada viagem para interior por mais algum tempo. Chegou o dia aprazado para o exame final. A sorte também quiz se divertir à custa do prezado colega. Não foi bem na arguição por um dos examinadores achando o mesmo que ele devia ser reprovado, não obstante ter saído otimamente nas outras partes. Continuou o entrudo. Grandes confabulações, até que uma minguada nota veio por fim à brincadeira de mau gosto. Nosso amigo conseguiu “a forceps” deixar tão agradável turma (do barulho).

Passemos para o lado direito sempre inesquecível do primeiro andar (que andar, hein!... coitada da Técnica Cirúrgica). Chamada à 9,15 hs. à entrada do laboratório; chamada às 11,30 hs., no momento da saída; chamada todas as vezes que S. Excia., livro docente, etc., fazia uma visita “oportuna” aos alunos. Contagem dos alunos presentes no anfiteatro durante as enfadonhas aulas teóricas. Chegou o dia do exame a atrofia extorsiva, permitia nos assim chamá-la, processava-se e as notas tornavam-se um bocadinho reduzidas.

Basta o que já foi dito que poderia se estender ainda muito mais. Enfim! enquanto, não se tornem uma realidade as frequências livres deixemos que eles se divirtam tão barato nesta época de crise econômica.

K. I. PIRA

NOVA CLASSIFICAÇÃO DOS METAZOÁRIOS com ampla exemplificação

De acôrdo com a classificação de Linnéu (sic), 1320. De acôrdo com Plínio, o Velho, 712 A. C.. De acôrdo com Xilôr (sic, sic, sic), 4.000 A. C.: os animais foram classificados quanto às azas, cauda e pernas (pedúnculos), em:

- Monotremos (Ex.: Rossi)
- Vermes (Ex.: Iraní, De Cunto, Caldeira, sendo este último considerado por alguns autores entre os Reptis)
- Desdentados (Valente e Divo)
- Marsupiais (Dante, Campos, Cristovam e Waldyr, sendo este classificado entre os Opilões, classificação reservada ao Murillo, sic)
- Protozoários (Sálvia, Guz, Embrião, Fajer, pertencente este ao grupo dos Numolites, sic)
- Galináceos (Emil, Fabio, Rubinho, Jesus e Aleixo)
- Sauropsídeos, gênero antigo, já petrificado, ou seja, fossilizados (Este grupo compreende a sub-ordem da família Dinosauridae, sub-gênero dos Atlantosauridae, compreendendo: Zamot, Cassio, Luiz Cae-tano, Reiff, Tiberé e Natha, apresentando-se este último numa fase aguda de fossilização)
- Líquenes Associação Sawaya Fun-cia, que na opinião de vários autores é considerada um caso típico de parasitismo)
- Amoebidae (Zarzur, único exemplo da forma cística no 3.º ano)
- Batráquios (Nazareth Fusco, ambos Anuros do gênero Buffo)
- Girafídeos (Oswaldo Monteiro de Barros, único espécime)
- Quelônios (Uszer e Sarkis)
- Psitacídeos (Alba, Terezinha, Edsel e Yoshico, considerada por muitos autores com pertencendo à família dos Psitacos Japonicum pela lógica, aqui também entra o Maranhão)
- Hemípteros, entendendo o gênero Reduviidae; Hematófagos, compreendendo João de Mello, Amato, Bueno e Branco, sendo este último chamado no interior de Chupão, Chupança e academicamente de Barbeiro)
- Téleosteos (Roberto de Barros, Jacinto e Moura, sendo este último conside-

rado entre os Cascudos) W

- Carnívoros (Exemplo perigosíssimo: Sawaya, sic)
- Vamprídeos (Thales, Timoner, considerados entre os Macroquiropteros e Tulio, entre os Microquiropteros)
- Cefalópodos (Callia, estudado entre os Octopodos, espécie Polvus pardus)
- Salamandrídeos (Chusei e Tomoyas, sp. Salamandra do Japão)
- Anelídeos (Agostinho e Brolio, re- cebendo este nome vulgar de minhocão)
- Virus Filtráveis: Donato, Guimarães, Motaury)
- Proteus (Debes, Proteus X 19, Heth, P. X 0 (zero))
- Neurópteros (compreendendo a família de Louvadeus: Candelaria, Dutra)
- Acarinos: (Frankenthal, Spina, Lisias, Ruy, por todos os autores unanimemente considerados carrapatos) W
- Leptospira (Lemos Monteiro, sendo que o Moura por certos autores é incluído nesta classe)
- Holoturídeo (Belda Romeu)
- 1) Phlebotomus (Marsello, Saad, Guidoni e Yasbek, às vezes classificado como Hirudo medicinalis)
- 2) Anonuros (Welfare, este compreendendo o Eupagurus bernardus, que muitas vezes associando-se ao Miranda — Actynea — gênero Saqartia, constitui um caso típico de mutualismo)
- 3) Marsupiais (Mendonça, recen-tíssimo exemplo de gambá brasileiro)
- 4) Hirudíneos (Araujo, Ludovici, Macroz (Sanguesugas Típicas))

O restante não tem uma classificação bem ajustada, sendo todos classificados entre os vegetarianos. Ruminantes.

Compreendem: Gildo, Arantes (espé- ci-] rara), Nelson Abrão (gênero exclusivo), Gentil (nectarófago que só come nectar), Zuqin, Melf, Cesar (grande sp.), etc.)

Nota do Autor: Os demais animais não classificados são de importância re- duzidíssima, e na opinião de vários autores não existem, e, portanto, os que se senti- rem ofendidos, que se estremem.

Externalsias que não dão certo.

Ex. na Callia. (Que o diga o Zé Ra- mcs)

A' Cesar o que é de Cesar

Escreve o CONDE SANTA

A Diretoria do CAOC, tenho im- pressão, falhou, falhou de uma manei- ra grave, criando um caso. Feriu des- se modo a família "showniana", que isto é muito justo. Refiro-me a Dire- toria do Departamento Social: esse se sentiu profundamente abalada deante dessa injustiça. Isto está justo, grupo de gente, digo, de abnegados, porque sei que fazer teatro não é tão facil como se pensa. Os senhores do CAOC que tal fizeram devem se lem- brar que o "show" Medicina sempre foi um sucesso na mão de artistas. E é justamente este "show" que está em perigo.

Fomos acusados de não participar da Noite de Maio:

Na organização da Noite de Maio participa toda a Diretoria do CAOC, como também alunos arregimentados para tal. Portanto a nós compete uma parcela como qualquer outro. Ca- ros Diretores essa não é uma amea- ça, mas sim um aviso.

Aí está portanto, um caso para se resolver.

Não esqueça : Dê A CESAR O QUE É DE CESAR.

ELES DISSERAM

- 1) Medina:... Compadre, a comadre me enganou... (em tempo: final de um fato humorístico).
- 2) Montenegro:... Há uma diferen- ça muito grande entre operador e cirurgião...
- 3) Vasconcelos:... Espanhol com radiografia do Cassio Vilaça em bai- xo do braço tem úlcera péptica...
- 4) Ciro Rezende:... O famoso olhar das turcas é devido ao tracoma...
- 5) Pedro Alcântara:... O leite de onça pode ser muito bom mas seria preciso encontrar quem caçasse a on- ça e depois quem tirasse o leite. Mãe e se a onça não fosse fêmea?...
- 6) Gualberto:... Senhorita, faça o obséquio de me dar uma pinça em co- ração...
- 7) Paula Souza:... Em Nova York há um sistema de avenidas paralelas, umas residenciais, algumas comer- ciais (a famosa 5.a Avenida, por exemplo) e finalmente as outras...
- 8):... O professor diz que é tumor e vem um espoleta e descobre que é bexiga cheia...
- 9) Celestino:... Afinal de contas, os senhores precisam ter muito cuida- do ao usar o BAL...
- 10) Aguiar Pupo:... E há também a sífilis dos inocentes...

DDO.

ORA. O 6.º ANO

- 1) O dr. Ciro Rezende, consideran- do justo o pedido dos alunos, resol- veu dar aulas de duas horas, pois setenta minutos são um tempo muito reduzido para que ele possa dar uma pálida idéia dos seus profundos co- nhecimentos do assunto. No 1.º se- mestre será dado o olho D e no 2.º o E. Não haverá curso extra.
- 2) Aqueles dois sujeitos eram mes- mo "do contra". Além do professor, eram os únicos heróis que ainda não tinham sucumbido ao sono naquela aula de Medicina Legal sobre "O cri- me". Até os assistentes dormiam e eles continuavam acordados. Mas eis que finalmente surge a merecida pu- nição para os dois relapsos: o pro- fessor, indignado mui justamente com o barulho que eles faziam ao conversar, interrompeu a preleção para exigir silêncio no recinto. Foi uma oportu- na intervenção em favor daqueles que dormiam pois é sabida a influência de ruídos externos na produção de pesa- delos (Bergson e Cobrinha). Moral da história: o crime não compensa, rapazes. Se não querem dormir na aula fiquem em casa.
- 3) Está produzindo ótimos discípu- los a Escola de Gerentes criada o ano passado na Terapêutica. A Gine- cologia já possui um esplêndido con- ditor de alunos e espera-se que den- tro em breve outras cadeiras sigam o mesmo caminho pois dá aos alunos um esplêndido sentimento coletivo o fato de serem tratados como crianças do jardim da infância.
- 4) O prof. Pedro Alcântara vai dar uma aula sem fazer perguntas (des- sas que enchem... de satisfação os alunos) e sem dizer piadas (sic). A aula versará sobre: "A bola de Bichat no estudo da distrofia, da disergia e da dispespia. As mamadas, o leiteão, a sopinha, a água, o suco de frutas e a data da volta". Com isso ficará es- gotado o programa da cadeira.
- 5) Causou a melhor impressão en- tre os doutorandos, a leitura que o prof. Montenegro fez, em episódios, de esplêndida conferência por ele pro- nunciada o ano passado na Associação de Medicina. Afinal de contas (per-

dão) os alunos terão muito tempo pa- ra aprender Clínica Cirúrgica depois de formados, ao passo que conferên- cias assim só se ouvem de 100 em 100 anos. Si non é vero...

6) A notícia de que o prof. Almei- da Prado tiraria alguns dias de férias causou grande consternação entre os doutorandos. De fato, todos espera- vam que ele se licenciasse pelo menos por 1 ano....

DDO.

No Laboratorio

Anatomino: — Aho que hoje vamos estudar todo o Simpatico.

Venoso: — V. já fez o pedido de peça?

Anatomino: — Que pedido?

Venoso: — Aqui é assim, velhinho. Para receber a peça é preciso fazer o pe- dido pelo menos com uma semana ou mais de antecedencia.

* * *

TENDINOSO: — "A três dias que es- tou procurando um bedel de Anatomia, vo- cê viu algum por aí?"

MESENTÉRICO: — "Por aí não vi ninguém, mas eu acho que devem existir muitos."

* * *

Existe a história daquele estudante, tão meticoloso e pedante que tomava pe- nicilina, toda vez que folheava um tratado de Venereologia.

Dialogo

SOUZINHA: — (da Micro): — "O senhor precisa estudar mais, comparecer as aulas, enfim, cuidar mais do curso, né?"

ALUNO: — "Professor, eu sou pobre, preciso trabalhar um pouco"...

SOUZINHA: — "A questão é saber dis- tribuir o tempo, porque no meu tempo eu tinha varias ocupações, sempre fui o me- lhor aluno."

Aluno: — "Puxa!"

SOUZINHA: — "Viajava muito, e... livro sempre aberto".

O ALUNO: — "Caramba!"

SOUZINHA: — "Tomava café, livro aberto"...

ALUNO: — "Mas"...

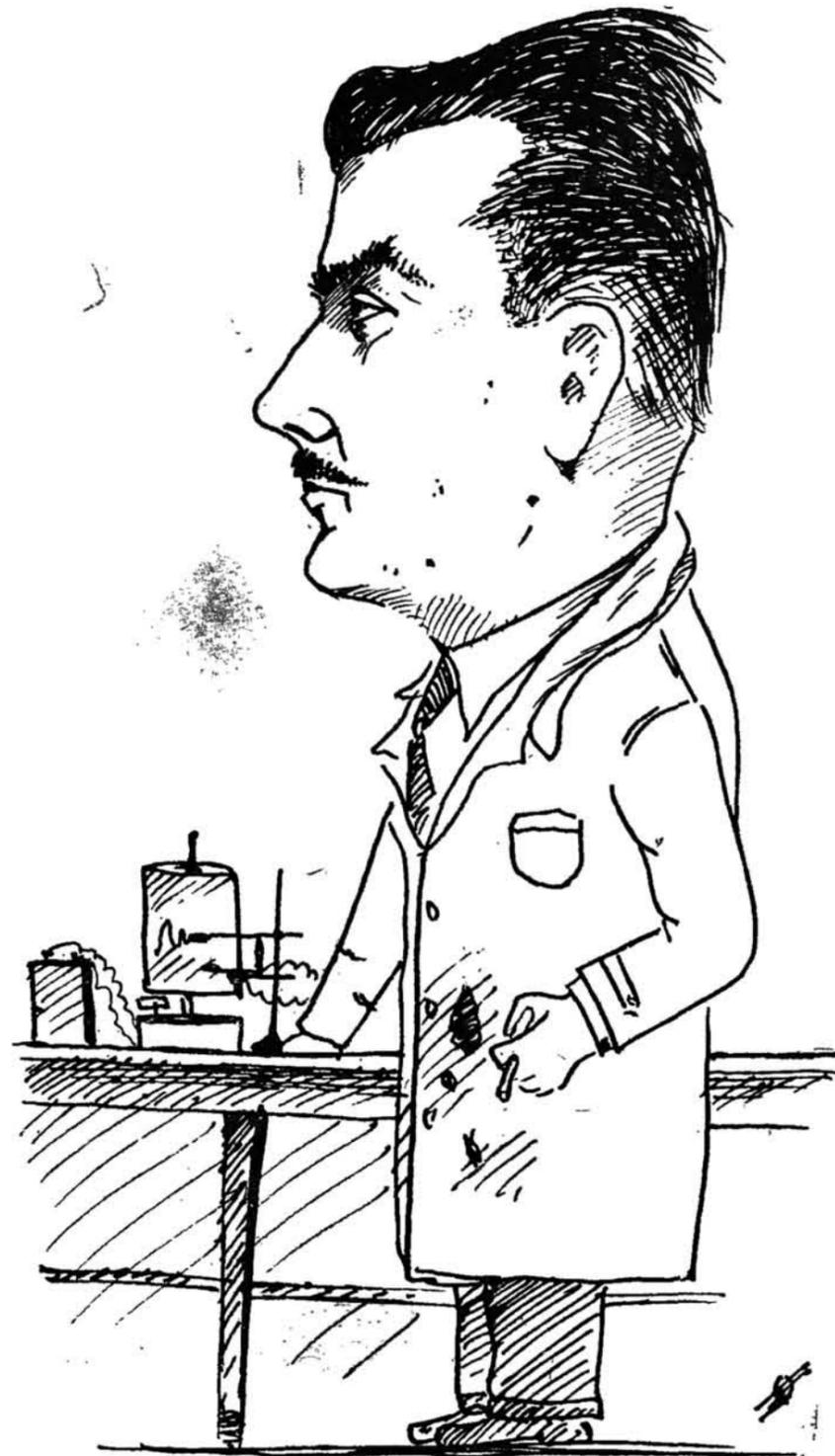
SOUZINHA: — "Almoçava, livro aber- to"...

ALUNO: — "Mas professor"...

SOUZINHA: — "Tomava banho, livro aberto".

ALUNO: — "Quer dizer que quan- do"...

SOUZINHA: — "Livro aberto tam- bem"...



VÃIM, RACIOCINEMOS...

Pelo velho avental, todo coberto, Longe de proteína, girino ou quejando, Aparece o bom mestre Alberto E, quem sabe... até pensando.

Não vos assusteis amigos cabeçudos, Pensando sim... em alem — mar, Numa viagemzinha de estudos Que acaba de realizar.

Estudos de nutrição, calculo e trigonometria, Anatomia do sapo, aplicados à Fisiologia. E nós, que de esperanças vivemos,

Esperamos, talvez um pouco desconfiados. Não voltar a aqueles dias passados De confusões ou... VÃIM, RACIOCINEMUS...

Vavá.

POLICIAIS

Reportagem do Conde

A turma do Pronto Socorro, na tarde de 3.a feira de Carnaval, foi informada, que junto á entrada principal da Faculdade, um individuo branco, baixo, solteiro, não sendo de nacionalidade paulista (mas brasileira) gritava, esbravejava brandia violentamente o Ranson. Pelo que nos parece e por informações posteriores, pudemos apurar tratar-se de um tal de Sidney.

Em vista disso e diante do perigo que corria o portão da Escola, tratou-se rapidamente de interná-lo, sem mais. Quando subjugado pela camisa de força, fomos alvo de uma série de improperios (um dos quais caiu ao meu lado). O paciente repetia constantemente a mesma frase: "Nem mesmo no Carnaval o laboratório está aberto. Eu também tenho o direito de rever o Ranson pela 13.a vez".

Diante de tal insistência, nosso companheiro aconselhou, para acalmá-lo, uma pequena cacetada, e daí para diante o paciente dormiu.

Balbuçava de vez em quando algum ramo ascendente. A's 5 horas da tarde, ainda em delírio (Cacetibus delirii), o nosso paciente já dissertava sobre as grandes vias motoras. A's 5,10 dava noções gerais sobre Rinencefalo. A's 5,30 deu uma explicação sobre as pranchas 281, 283, 285, 287, não terminando as explicações por motivo de expulsão da Enfermaria, uma vez que não sabemos ser ou não contagioso esse tipo de loucura.

Em vista disso, podemos afirmar que se trata de um louco perigosíssimo.

LOUCOS DO SEXTO ANO

Versos de ESQUIS O. FRENICO

Em mesa redonda, no pátio da escola,
Reuniu-se o pessoal
Que sofre da bola.
E foi disparate
De todo quillate
Ecoando da escola no velho quintal.

Lá está Montessanti
Pensando que é Dante,
Pensando que é poeta divino e infernal,
Sofrendo da bola, sofrendo delírios
De perseguição,
Sofrendo martírios
Da infame mania de tudo o que é grande.
Se agita, se alteia, se vira, se expande
No sonho dantesco de imensa ambição.

Também com manias, com tristes manias,
Lá se acha o Osias
Que suga, que chucha, que avança, que
explora
O bom Montessanti, coitado, que chora,
E que, entretanto, é submisso qual vaca
A Osias que o chucha, que o sorve, que
achaca.

E ali, sem cabeça, num banco, sentado,
Outro louco fazia sinais com uma mão.
É Rômulo, o tal que de tão esquecido,
Explica, por certo,
Que tinha perdido
A cabeça ali perto,
Ou talvez tivesse de fato deixado
Cair na cozinha de algum "Camarão".

E ali na reunião noutra banco sentado
Estava o Gastão,
Que de louco furioso, depois do noivado
Bem manso ficou.
E tão calmo ele estava naquela reunião,
Que a mesa inteirinha mais louca ficou.
Diante da mutação.

Pachequinho surgia, fingindo, bancando
Razão, lucidez,
Olhando p'ro alto, no céu procurando
A lua do mês.

A mesa redonda se fez p'ra escolher
Com grande aparato
Um bom candidato
Ao Prêmio Nobel da Suprema Loucura.
E os cinco queriam depressa obter
A candidatura.

Os cinco querendo do prêmio - conquista,
Nenhum baixou crista
E a briga foi feia.
A mesa parou,
Reunião acabou |
Para não prosseguir, afinal, na cadela.

CORUJADAS

BATE-PAPO DE ESQUINA

X — Você é americanófilo?
— Não.
— Então é russófilo.
— Qual nada, sou neutrófilo...

COISAS DO BIELIK

X — Mostra sinhôr, artéria toracica suprema.
— Esta aqui, dr. Bielik.
— Essa non toracica suprema.
— Então é esta.
— Essa também non toracica, doutor. Dá pinça, ó esta, toracica suprema. 6.
— Essa não, dr. Bielik.
— Como non? O sinhôr então saber mais do que eu?
— Isso é o barbante que eu amarrei aí, doutor...

????!!!!

— J. O. Coutinho — Como se prepara o extrato etéreo de feto macho?
X — Bem, a gente extrae o testículo de um fetomacho e faz um extrato com eter...

(Dizem que o doutor Coutinho arranhava a parede e urrava re raiva diante da resposta do terceiroanista).
?????!!!!

Prof. Otto Bier: — Tome este esfregaço e core-o pelo método de Gram.

(Da Paulista) — O senhor quer pelo método de Gram positivo ou negativo?...

PENSAMENTO INITMO

— Essa turminha tem a mania de dizer que as minhas piadas são francas, mas é a "Gazeta" que consegue sacar perto de 313 piadas anêmicas por ano?

SOUZA CAMPOS

S.C. — O senhor precisa estudar mais, senhor X, e faltar menos às aulas.

X — De fato, professor, mas é que eu trabalho e o senhor sabe...

S.C. — E, mas no meu tempo eu também trabalhava e nunca deixei de ser um bom estudante.

— Mas é que nem todos têm a capacidade que o senhor tem professor.

S. C. — Bem, lá isso é verdade...

AFOBAÇÃO

Estavamos na entrada do correio, quando vimos um individuo saltar de um bonde e entrar no prédio à todá galgando a escada de 4 em 4.

— Puxa, esse daí até parece o Laerte...

— E, deve ser o irmão dele...

ESPIRITO ANÔNIMO DO PORÃO
— "O prego da aprovação é a eterna fossilidade".

URTIGA

— E' verdade que você é bamba nos exames teóricos, Vilela?
— Não, porque?
— E' que dizem, por aí que você é teórico...

REFLEXÕES DO VILELA

"E' como eu digo sempre a minha prima: papagaio come o milho e o piriquito é quem paga o pato. O Fritz é que é teórico e eu é que levo a fama..."

COISAS DO "CAPIRA DE ARAÇATUBA"

— Mas como? Você estava ganhando qualidade naquela partida e de repente põe tudo a perder. Francamente que eu não compreendo.

— E' que eu sou muito nervoso, compreende? Quando eu faço um lance bacana, fico emocionado e não vejo mais nada...

CONVERSA DE BONDE

— Boverinho — Como é, Coruja, você pagou o bonde?

— Claro que paguei...
Boverinho — Bah! patureba. Não vê que eu já estou na fase de pedir trôco de cinco do condutor?

ANALISANDO UMA PARTIDA

— Perdi esta partida de burro. No 2.º lance eu tinha uma jogada ganhadora.

— Duvido muito.
— Pois olhe. Era nó jogar a dama aqui, ameaçando mate. O senhor era obrigado a cobrir com o cavalo. Eu então atacava-lo com o peão...

— Perderia o cavalo.
— Mas no próximo lance eu dava um descoberto e ganharia o outro cavalo também.

— E daí?..
— E acha pouco? Olhe que a pé o senhor não iria muito longe...

Os doentes do H. C. estão se queixando. Acordam às 5 da manhã com sensação de peso no precordio e dão com o Nathanael auscultando-lhes o coração...

Dis a Bíblia: "Se a tua mão esquerda te escandalisa, corte-a para não perderes todo o corpo". O Coruja aconselha porém que se corte não a mão esquerda, mas todo o braço direito pois é este que está fora de moda...

V. S. tem eructações post-prandiaes? Siga então o meu conselho. Tome Xarope Educação...

Coisas que se dizem antes de ser reprovado

— Este ano vou praticar muito esporte.
— Desta vez vou esculhambar o bar.
— Tenho bossa, acho que vou trabalhar no show.
— Vou tomar um pouco de sol, e a anatomia que vá ás favas...
— Ah! Não assisto mais nenhuma aula teórica, nem mesmo de Patológica!

Existe a historia de um calouro que cansado de ver o vaivem no corredor de Anatomia perguntou:

— O' veterano, quem são esses moços de luva que vão daqui pra lá, com essa papelada na mão, e que entram de vez em quando no laboratório de dissecação?

— Ora, que pergunta, são assistentes de Anatomia....

Teatro Bisturi

Personagens: Um calouro e Dois Veteranos.

Calouro, ingenuamente: — Porque o dr. Di Dão todo o dia toma nota das aulas de Anatomia?

1.º veterano: — ???
2.º veterano: — ??? ???
Pano violento.

RIFA-SE

Uma declaração do Callia.
Uma declaração do Calila.
O bucolismo do Valente.
A agressividade do Rossi.
Uma transferência do Fusco.
Algumas expressões vampirescas do Tales.
Uma badalada da Edsel.
Alguns apartes do Miraglia.

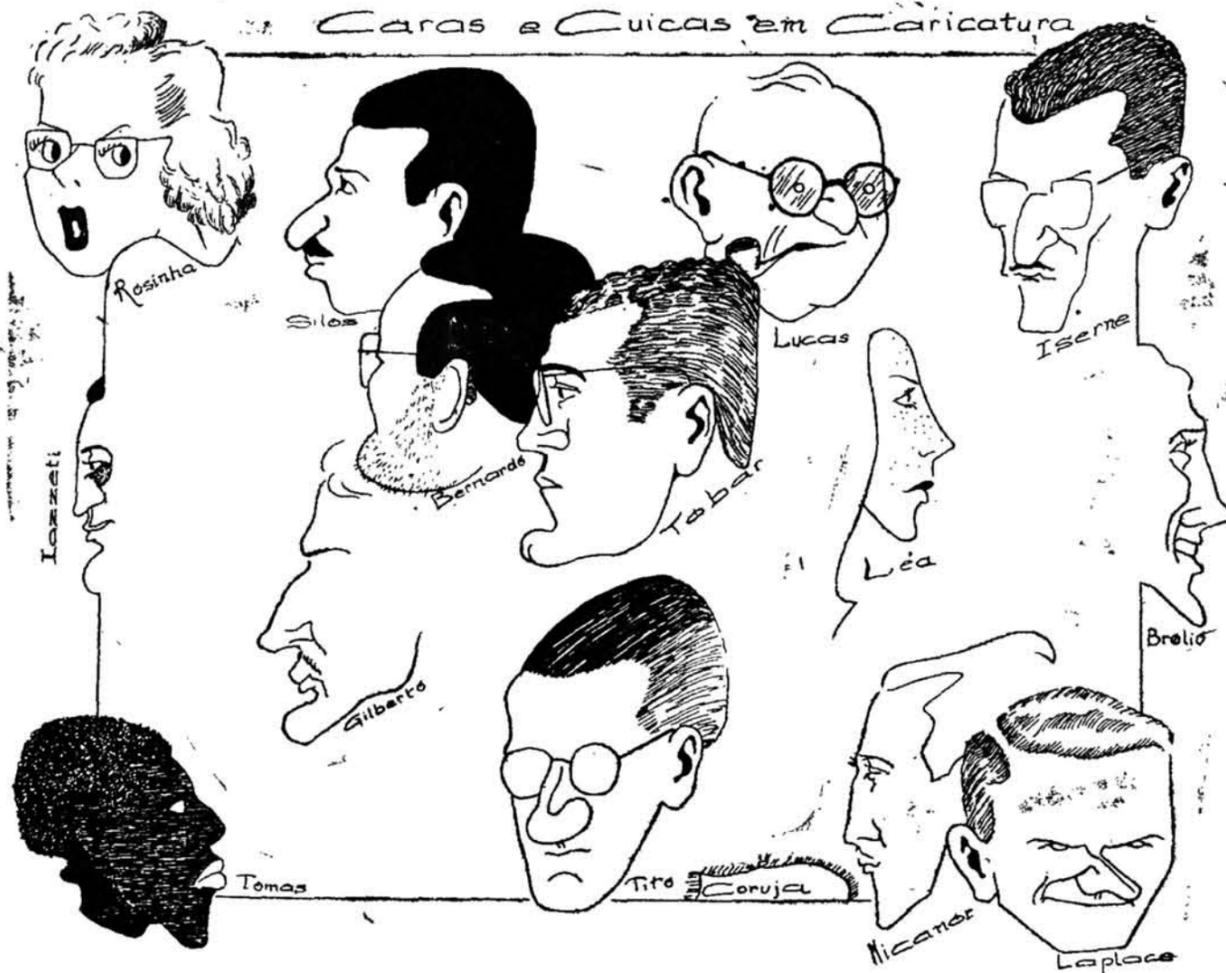
Algumas poses novas do Iranf.
Dizem as más línguas que até o par Luiz Caetano-Reiff tirou uma soneca na aula do Odorico.

NOTA SOCIAL

Foi enriquecido o lar do dr. Nicolau Callia com o nascimento, no dia 21 de Fevereiro, de um lindo garoto que receberá na Pia Batizma, o nome de Salvador Callia Neto.

Aos progenitores sr. dr. Nicolau Callia e sra. dna. Izolma Callia os mais sinceros votos de felicidade de "O BISTURI".

Caras e Cuicas em Caricatura



BISTURI

Departamento Científico

Direção de José Leite Fernandes
Será realizada em meados de Abril a sessão de posse da Diretoria do Departamento Científico eleita para o ano de 1948.

Além da cerimonia da posse haverá uma conferência a cargo de um dos grandes vultos da medicina brasileira, especialmente convidado para tal.

Constará ainda desta cerimônia a entrega do Prêmio Paulo Montenegro aos melhores alunos de cada série do curso médico no ano de 1947, e os prêmios de Radiologia Confiados aos melhores trabalhos sobre Radiologia realizados por alunos do 5.º ano de 1947 e oferecidos pela cadeira de Física Médica.

2 — ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO

A Diretoria do Departamento Científico, fez realizar durante as férias de fim de ano e no início de 1948, uma série de cursos de férias destinados aos alunos da Faculdade e médicos que desejarem melhorar seus conhecimentos. Dentre os cursos realizados, todos eles com grande brilho e não menor frequência, destacamos os seguintes:

Cinco cursos de Propedêutica do Aparelho Respiratório, a dos Drs: Ariovando de Carvalho, Clovis B. Vieira, João Tranchesi, Geraldo Merlino e Castor J. Cobra.

Cinco cursos de Propedêutica do Aparelho Circulatório, a cargo dos Drs: — Luiz de Barros, João Tranchesi, Clovis B. Vieira, Castor J. Cobra e Geraldo Merlino.

Curso de Propedêutica do Aparelho Digestivo, pelo dr. Julio Croce.

Curso de Ginecologia, pelo dr. A. Wolff Netto.

Curso de Eletro Cardiografia, pelo Dr. Luiz V. Décourt.

Curso de Nutrição e Endocrinologia, pelo D. A. B. Uliôa Cintra.

Curso de Patologia das Vias Biliares, pelo Dr. Plínio Bove.

Curso de Propedêutica e afecções ano-retocolicas, pelos Drs: José Pontes, Coutait e R. da Silva.

Curso de Micologia Prática, pelo Dr. Carlos S. Lacaz.

Curso de Fisiologia no Jaçanã, onde foram conseguidos 20 vagas para os alunos da Faculdade.

Deixamos, propositadamente para mencionar o Curso de Medicina de Urgência, no fim deste comentário, para realçar o grande êxito conseguido por este ano, que contou com uma centena de assistentes.

Aproveitamos também para agradecer aos colegas do Pronto Socorro o empenho e dedicação à organização e êxito deste curso.

Portanto, no período de apenas 3 meses o Departamento Científico organizou e realizou 20 cursos.

Serão ainda realizados em datas muito próximas os cursos de: Eletro Cardiografia, pelo Dr. Bernardino Tranchesi, Moléstias Infecciosas e Parasitárias pelo Dr. Oscar M. de Bararos.

3 — REVISTA DE MEDICINA

A diretoria do Departamento Científico conseguiu solucionar a crise por que passava a revista de medicina, estabelecendo um contrato em bases bastantes vantajosas para os alunos com a Publicidade Sem Rival.

Deste contrato, já em parte posto ao conhecimento dos colegas, por circular afixadas nos diversos quadros de aviso do centro e do hospital, verifica-se que a empresa compromete-se a publicar mensalmente, com data fixa, a partir de Abril, a Revista de Medicina.

Esta contará ainda com maior numero de paginas dos artigos, mas, sim, colocados no fim da Revista.

Os colaboradores terão direito a 50 separatas, gratuitamente, com um número de paginas e artigos correspondentes

aos números de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril.

O departamento receberá gratuitamente 1.000 exemplares da revista para distribuição aos alunos.

4 — QUARTO CONGRESSO MEDICO ESTUDANTINO

Será realizado em meados de Agosto, em S. Paulo, sob o patrocínio do departamento científico contando com a presença de representantes de todos os centros academicos do país que para aqui virão apresentar e discutir as teses oficiais do Congresso.

A postos pois, todos os colegas. Preparem seus trabalhos, para que as melhores teses sejam as apresentadas pelos alunos da Faculdade.

Para o Superintendente do H. C. ler na cama

A medida que galgamos os degraus do curso médico, topamos com certas coisas de deixar-nos apalermados. Sim, apalermados, boquiabertos, incrédulos, porque afinal de contas a nossa escola é das mais belas e melhor, senão a mais bela e melhor da América do Sul. Isto aliás é tido e sabido, e resmungue quem resmungar, tais qualificativos constituem até um pleonasmão... E' pois desagradavel deprimente mesmo, a existência de tais falhas que eu comparo ao mau halito em uma mulher da mais terrena beleza — numa organização modelar como é sem dúvida o H. C.

Nós de 3.º e 4.º anos que começamos a ter aulas no H. C., demos de cara logo no primeiro dia, com uma dessas falhas. Simplesmente horrível. Somos em cada série, cerca de 80 alunos e as salas de aula do hospital tem apenas 56 poltronas. Resultado: mais de 20 rapazes são obrigados a assistirem de pé, juntamente com inúmeros assistentes, que, por lei, são também empurrados para as aulas teóricas.

Repito: é simplesmente deprimente, lamentavel mesmo. E o pior é que saindo das ditas salas, vamos para as enfermarias onde devemos permanecer nessa cansativa posição, o que torna de maior gravidade a deficiência supra citada.

Isto numa época em que se fala da cor vermelha como estimulante inicial mas que conduz rapidamente a fadiga, da cor verde que estimula pouco mas retarda a fadiga, etc. E dizer que no nosso hospital a questão está nos assentos. E' que os responsáveis pelo fato têm cómodas poltronas onde alojaram os seus assentos e, nós os estudantes, temos os calcanhares...

O prof. Alipio que, segundo a sua expressão, os professores são comparáveis aos instrumentos de Raios X, a serviço dos alunos, nunca deixou de chamar a atenção dos responsáveis para o fato em questão. Chegou mesmo a exhibir o problema ao prof. Montenegro e ao doutor Enéas, mas... como há certos ouvidos comunicantes, seu protesto, a favor dos alunos entrou por uma orelha e saiu por outra... No entanto, afirmou-nos o prof. Alipio, a solução não é tão impossível como pareceu aos miolos dos responsáveis. E a sugestão que nos deu é deveras interessante e prática. Existe, por exemplo, no 8.º andar, 3 salas regulares em tamanho, uma na ala de Clínica Médica, outra na de Clínica Cirúrgica e outra encunhada no ambulatório.

Porque então disse-nos o prof. não se constroem uma sala de aulas maior comum para as cadeiras do mesmo andar? O espaço tomado por esse aumento seria mais do que compensado pela ocupação das duas outras salas restantes de quasi nula utilidade.

O resto se resumiria em uma simples adaptação nos horários.

Como se vê, a solução nos parece

bóia. Naturalmente não podemos contar com essa melhoria, porém é nosso dever fazer o possível para que tal falha não seja encontrada pelos futuros alunos. Urge porém uma solução imediata do problema, uma solução de emergência, provisória. A simples colocação de cadeiras nos espaços desocupados da sala é o que se impõe no momento.

* *

Laertes Ferrão

"Não elogiar alguém de medo que ele se torne convencido é o mesmo que não pagar ao credor com receio de que ele faça má uso do dinheiro".

G. B. Shaw

Conheciste há 3 anos passados, em 1945, quando já ocupavas por justo merecimento a cabeceira da mesa retangular que reunia o grupinho seletó de "O BISTURI".

Uma tímides de noviço dominava-me o ser ao por os pés naquela sala, timidamente artisticos, este, penso eu, por ter-me visto certa vez deliciando-me com um livro sobre Schopenhauer.

Naquela mesma reunião, o ambiente de liberdade e compreensão puzeram-me à vontade, afugentaram o meu natural acanhamento; do contrário, tenho a certeza, jamais me arriscaria a voltar a ocupar o meu lugarzinho naquela mesa.

E já lá se vão 3 anos! 3 anos em que o Orgão Oficial do CAOC foi guiado pelo teu espirito liberal, empreendedor e sensato esse espirito romantico e idealista que por um trienio se extraxa nas páginas de "O Bisturi", em poesias cheias de um realismo sentimental.

Grandes e felizes dias aqueles que ora pertencem ao passado de ontem. Atarrastado pelo gentil convite que me haviam feito o Vadinho e o Fortes, a quele por conhecer os meus garatujos sempre te mostreste modesto e desprezencioso. Tuas pretensões nunca chegaram mesmo ao tamanho siquer do teu corpo, e tu, caro Laertes, és um tipo cerebral!

Nem cogitaste ao menos fazer do "O Bisturi" um trampolim para os cargos do CAOC, mas sempre e sempre dedicaste precioso tempo a esse jornalzinho que se faz anunciar com um esculapio espetando um esqueleto.

Hoje já és médico, em um Sherlock na pista tortuosa dos monstros demóniacos que se insinuam traiçoeiramente na mente humana. Que o teu sucesso nessa nobre carreira seja igual ao da criação de Conan Doyle no reino policial. eis os nossos mais sinceros votos.

W O CORUJA;

Representação dos alunos no Conselho Universitario

Realizou-se dia 28 de março p.p. na Reitoria da Universidade de São Paulo, a eleição do representante dos alunos junto ao Conselho Universitario. A reunião que foi presidida pelo Magnifico Reitor, prof. Lineu Prestes, compareceram todos os presidentes de Centros Acadêmicos. Por maioria absoluta de votos, venceu o representante do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina.

Tal fato encheu de júbilo o meio universitário paulista pois, Alvaro da Cunha Bastos, pelos trabalhos já realizados pela classe academica será realmente um defensor leal e destemido dos interesses e ideais dos estudantes paulistas.

Ao novel Conselheiro as felicitações de "O BISTURI".

Medicina Psico-Somática

De uns vinte anos para cá, mais ou menos, tem-se procurado encarar o homem como um todo, numa integração de seu soma com seu psiquismo. Isso, entretanto, não é novo: é conceito de medicina grega. O que aconteceu foi o seguinte: a medicina do soma evoluiu extraordinariamente, com o progresso das ciencias afins. A minúcia no diagnóstico somático relegou, então, a um plano diferente as disfunções do espirito, surgindo o conceito de dicotomia entre o psíquico e o somático, como resultado do modo pelo qual se desenvolveu o método em medicina, a qual dicotomia não existe no próprio organismo. Habitualmente, chamam-se psico-somáticas a certas doenças, em oposição a outras. Há quem julgue, até, a medicina psico-somática como uma especialidade afim à psiquiatria. No entanto, psico-somático é um adjetivo útil no tratamento de todos os pacientes, indistintamente. Entretanto, não é tomado em devida consideração pela maioria dos medicos.

— Não se diga dos cirurgiões, pois as circunstancias de seus processos terapêuticos fazem com que estejam apenas por pouco tempo ao lado do paciente. Mas, não se compreende que os clínicos, em geral, a encarem com tão pouca simpatia, ou a considerem, como é comum, uma medida de luxo.

O que tenho observado no Hospital das Clinicas, pelo menos, é o seguinte: a excessiva laboratorização, se é que se pode usar esse termo, no diagnóstico, tratamento dos pacientes. O contato muito curto entre o clínico e o doente, principalmente neste sistema que usamos de grupos e sub-grupos, chefes e sub-chefes, com finalidade didática, faz com que o paciente não perceba qual seu medico. E o que se verifica é um estado generalizado de desconfiança pelo que se fez em seu benefício, resultando num certo grau de improficuidade na cura, embora a maioria não enxergue ou não queira enxergar isso. Os estudantes, por outro lado, na ansia de aquisição de conhecimentos novos, acham que "isso de psíquico é tolice", em sua linguagem de giria bem expressiva. Acontece que um academico de visão mais ampla, ou de índole mais humana, como se diz, inspira mais confiança ao paciente que seu próprio mestre, com vantagens para o primeiro e melindres para o segundo. Se se observasse melhor, acabar-se-ia descobrindo que, ás vezes, umas palavras de quem inspira confiança e uns miligramas inofensivos de vitamina, substituem uma injeção, de certo modo nociva, de sedativo: que simples toque de mão, sem fazer magia, como se possa pensar, acalma uma crise de angustia, de consequências mais graves, se não se usar, sem necessidade, uns centigramas de gardenal. Os incapazes de compreender o que se passa num paciente angustiado, usam, comumente, numa aceção vazia e algo depreciativa, a expressão "é um Hy". Ou, então, alcandorados em sua posição de medicos, que "o paciente deve ser mais humilde á sua frente".

Não consigo compreender a razão disso. Outros adotam uma attitude berrante de enfestio ou de covardia antes os doentes cronicos. Deve-se compreender que os doentes cronicos devem interessar aos estudiosos da psico-somática, já que são, em sua maioria, doenças cujas causas são total ou parcialmente desconhecidas, e cujo tratamento exige um conhecimento mais minucioso quer da doença, quer do doente. Aqui é preciso repetir com Dunbar: "é lugar comum dizer-se que é mais importante conhecer a especie do paciente que tem a doença que a especie de doença que o paciente tem". Outros agem de maneira intempestiva com uma exteriorização, varece-me, de sadismo, quasi contando ao doente seu prognóstico, esmerando-se em minucias sobre sua evolução ou sua duração, como verdadeiros inquisidores da alma. Colocam-se no lugar do paciente! E não seiam tolos, dizendo que isso não é ciência, quando gente del autoridade afirma que no reumatismo poliarticular agudo reconhece-se uma definida constelação de personalidade (Dunbar-Holliday): que na reca haver um perfil de personalidade favoravel á endocardite bacteriana sub-aguda, que os hipertensos tam nerfs de personalidade facilmente reconhecíveis: que "o que acontece com um paciente tuberculoso depende mais do que tem na cabeça do que tem no peito" (Osled); que a manutenção do equilibrio fisiológico é um problema psico-somático, como demonstrou Cannon; que um Miguel Couto curava, como os esculapios del hoje, apesar de serem bem rudimentares seus processos terapêuticos, com parados com os modernos.

Atividades do Departamento Esportivo do CAOC

O Junqueira, vulgo Antônio Carlos Junqueira, novo Diretor de Esportes do CAOC, em conversa com o redator esportivo do “O BISTURI” forneceu diversos informes sobre as atividades do grêmio alvi-verde para este ano de 1948.

De início referiu-se à mudança da sede do Departamento de Esportes. Com a colaboração de diversos esportistas conseguiu montar uma sala digna para os belos troféus vencidos pelo CAOC, proporcionando também um lugar de estar à altura dos esportistas da Faculdade de Medicina.

Em virtude da falta de material esportivo para as atividades dos atletas alvi-verdes, foi solicitada uma cooperação do Cap. Sylvio de Magalhães Padilha, grande amigo dos universitários. Felizmente, em virtude da alta compreensão desse grande esportista, foram conseguidas bolas para diversas modalidades, assim como bom material para Atletismo.

Era do conhecimento geral a situação de desinteligência que reinava entre o CAOC e a FUPE. O Departamento Esportivo do grêmio do Araçá, porém, resolveu, a bem do desporto universitário, voltar às boas com essa entidade e comprometeu-se mesmo, na medida do possível, participar de todos os torneios patrocinados por ela.

O campo de futebol do Estádio do CAOC encontrava-se, em virtude do número de prélios ali disputados em 1947, em precárias condições. Junto à que uma turma de funcionários efetuasse algumas reformas que ali se faziam necessárias. Encontra-se portanto em condições de ser usado o campo de futebol do CAOC.

Os treinos nas diversas modalidades foram rapidamente iniciados. Em alguns setores, ainda durante o período de férias e no que se refere ao preparo das equipes do CAOC foi resolvido um grave problema, ou seja, o da necessidade de verba, aliás grande, para que bons técnicos fossem contratados. Para diminuir esse gasto foram convidados antigos alunos da Faculdade, extremamente competentes, que impelidos pelo seu amor ao CAOC, se prontificaram, gratuitamente, a preparar alguns quadros do mesmo. Devemos citar aqui os nomes queridos de Abreu e Bello e também o de Michalany; este, mesmo sem ter pertencido ao grêmio verde e branco,

carinhosamente de dispôs a auxiliá-lo.

A FUPE incluiu no seu calendário esportivo um torneio pugilístico. A fim de proporcionar aos acadêmicos do CAOC a oportunidade de participar do mesmo, foi criado o Departamento de Box. A Federação Paulista de Pugilismo, solicitada, forneceu todo o material necessário, aliás num gesto digno dos maiores elogios e agradecimentos.

Foi criada também a seção de Jiu-Jitsu e, uma vez adquirido o tapete indispensável para a prática desse desporto, o consagrado e renomado campeão Ono estará adestrando os esportistas do CAOC que se interessarem por essa modalidade. Convém acrescentar que para a V Ac-Med já foi incluída uma prova desse atraente esporte.

Foi também devidamente organizada a V Ac-Med e todo o esforço foi empregado para dar o maior brilho possível a essa já tradicional competição poli-esportiva.

As caravanas não foram esquecidas. Já estão adiantados os entendimentos para a realização de várias delas e, temos certeza, os esportistas não poderão, como nos anos anteriores, se queixar da escassez desses úteis e agradáveis empreendimentos.

Os tão necessários Campeonatos Internos serão realizados na ocasião oportuna. Terão eles a finalidade essencial de revelar valores e como estímulo serão oferecidos valiosos prêmios.

A falada competição esportiva com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ao que parece, terá lugar infalivelmente este ano. Estreitaremos assim os laços de amizade com os nossos colegas da Cidade Maravilhosa e procuraremos proporcionar também aos bons e dedicados esportistas alvi-verdes a oportunidade de efetuarem um merecedor passeio.

Como podemos perceber, em tão pequeno espaço de tempo, grande foi a atividade do Departamento de Esportes do CAOC.

Se tudo continuar nesse ritmo, temos certeza, o nome esportivo do grêmio verde e branco será levado ao alto e consagrado nível que bem merece.

Um máo exemplo

No segundo domingo de março foi realizada a primeira competição oficial da FUPE neste ano de 1948. Tivemos nessa data a realização de um Torneio de Saltos Ornamentais, no qual tomaram parte acadêmicos de várias de nossas Escolas Superiores. O CAOC inscreveu alguns de seus saltadores, apoiando assim a iniciativa inicial da entidade que dirige os esportes universitários em nosso Estado. Foi com pesar porém que os adeptos do grêmio alvi-verde vieram a tomar conhecimento da falta de seus representantes, falta essa, aliás, injustificável.

O CAOC pretende neste ano levantar seu nível esportivo o máximo possível e cremos ser desnecessário mostrar que fatos como esse não podem mais ser repetidos dentro de uma agremiação que tudo faz para progredir dentro do ambiente esportivo. Agora, mais do que nunca, os verdadeiros esportistas devem se unir e lutar pelo engrandecimento do Departamento Esportivo do CAOC e, assim, devem ser repudiadas atitudes como a citada.

Um ótimo auxílio

A FUPE incluiu no seu calendário esportivo para o ano de 1948 um torneio pugilístico, torneio esse que será realizado no mês de Agosto. Prestigiando essa iniciativa, Departamento Esportivo do CAOC criou a sua Seção de Box, a fim de que os acadêmicos pudessem participar do referido torneio.

Foi assim que solicitou um auxílio dos dirigentes da Federação Paulista de Pugilismo, no sentido de ser montada essa Seção, com a finalidade de aprimorar os universitários da Medicina na nobre arte e assim contribuir para que eles fizessem ótima figura no campeonato que será levado a efeito pela FUPE. E não poderia ter sido melhor a acolhida que o Departamento de Esportes do CAOC teve junto a entidade que dirige as atividades pugilísticas em nosso Estado. Amavelmente foi fornecido todo o material necessário para a montagem da Seção pugilística. Muito gratos ficaram os estudantes do CAOC a essa Federação que, encabeçada por Miguel Panzone e Artur Amato, bem sabe apoiar as atividades esportivas amadoras.

ESPECIALISTA EM LIVROS DE MEDICINA

ASSINATURAS REVISTAS

Livraria Médica

HOSPITAL DAS CLINICAS

Condições Especiais para Estudantes



AVENIDA REBOUÇAS, 476

4.º ANDAR — FONE 8-2161 R 20

SÃO PAULO

Revelação de Valores

É do conhecimento geral que dentro de algumas modalidades esportivas em que o Departamento Esportivo do CAOC se empenha existe uma deficiência de bons valores. Justo seria, portanto, que principalmente com referência a essas modalidades, se procurassem meios de descobrir valores, temos certeza, podem ser encontrados entre os associados do CAOC. Deve, neste ponto de vista, ser lembrado sempre o que sucedeu na Mac-Med de 1947, na prova dos 1.000 metros rasos; quatro elementos novatos, estreantes, dentro do Atletismo, treinaram com afinco e o que esses elementos conseguiram foi de grande valia para as cores alvi-verdes: os quatro atletas estreantes foram classificados. Se tal aconteceu no Atletismo, porque não poderá suceder em outras modalidades?

Os diretores das diversas seções esportivas do CAOC contam com dois meios dos quais podem lançar mão com facilidade: os Torneios Internos e os Campeonatos Populares de “A Gazeta”. Os Torneios Internos têm sido escassos dentro do CAOC e tal fato é injustificável, pois o grêmio alvi-verde conta com facilidades para que essas competições se efetuem; referimo-nos, por exemplo, a locais para que os prélios sejam realizados. Revelados alguns valores aproveitáveis, bastariam alguns treinos com os técnicos especializados dos diversos departamentos, para que eles pudessem ser lançados nos Campeonatos Populares do Jornal da Rua Conceição. Os Campeonatos da “A Gazeta”, de acordo com a maioria dos entendidos em desporto, se prestam perfeitamente para essa finalidade.

Além da utilidade dessas realizações-Torneios Internos e Campeonatos

Populares — o Departamento Esportivo do CAOC estaria dilatando amplamente as suas atividades, estaria dando maior vida ao ambiente esportivo na Faculdade de Medicina.

Aproveitamos a oportunidade também para fazer uma referência a já tradicional competição Ac-Med. Creemos que as diversas equipes do CAOC deveriam disputar as provas dessa competição devidamente preparadas e considerar a Ac-Med como um verdadeiro “test” para avaliar as suas possibilidades. E o que temos visto é justamente o contrário: as equipes se apresentam geralmente mal preparadas e competem apenas com a finalidade de saldar um compromisso assumido. Devemos compreender a Ac-Med de outro maneira: deva ela ter maior vulto uma vez que pretende estreitar os laços de amizade entre acadêmicos e médicos, e também deve constituir para os acadêmicos um meio de avaliar suas possibilidades.

Com Torneios Internos constantes, disputas nas diversas competições esportivas patrocinadas pela “A Gazeta” e com outro modo de encarar a Ac-Med, acreditamos que muito lucrará o Departamento Esportivo do CAOC.

COMPRE SEUS LIVROS DE MEDICINA NA

LIVRARIA ATHENEU LTDA.

Rua Marconi, 131 - 2.º Andar

—oO—

Seção de venda especial para estudantes no Hospital das Clínicas, 4.º pavimento defronte aos elevadores